

Versão

ARQUIVÍSTICA E ARQUIVOLOGIA: ESCLARECIMENTO EPISTEMOLÓGICO¹



Bob Bobutaka Bateko | Professor de Arquivologia no Instituto Superior de Estatística em Kinshasa e na Universidade de Kinshasa e possui um Doutorado Estadual em Ciências da Informação e Comunicação. Diplomado em Estudos Avançados em Ciências da Informação e Comunicação em orientações arquivísticas e bibliotecárias e pós-graduação profissional em biblioteconomia. Graduado em Arquivo, Biblioteconomia e Documentação e pós-graduado em Ciências e Técnicas de Documentação na opção: Arquivologia. Autor de vários livros e artigos científicos com publicação na França, Bélgica, Alemanha e República Democrática do Congo. e-mail: bobbobutaka@yahoo.fr

Tradução: **Marcelo Antonio Chaves** [Doutor em História Social – e-mail: teochaves@gmail.com]

Revisão: **Márcio Amêndola de Oliveira** [Historiador, Executivo Público no Arquivo Público do Estado de São Paulo]

Introdução

Muitos teóricos do campo dos arquivos exploram cada vez mais a arquivologia para pôr em evidência as considerações científicas e até epistemológicas da ciência dos arquivos.

A epistemologia é o ramo da filosofia que tem como objeto o estudo da *ciência*. Seu papel é validar e criticar os conhecimentos científicos e, sobretudo, os campos científicos. Além disso, ela se interessa, entre outras coisas, pelos métodos, teorias, pelo objeto de estudo e pesquisa de uma disciplina científica, pela elevação do pensamento, pelo questionamento de um discurso científico, pela construção da ciência, pela realização de estudos sobre a natureza científica de uma ciência etc.

Tem sido demonstrado que os pesquisadores da área de arquivos raramente se preocupam com o alcance da epistemologia em seu campo disciplinar. De fato, autores da área arquivística destacam principalmente a construção e exploração de práticas gerenciais no sentido de associar conhecimentos relativos à *práxis* arquivística.

Também é verdade que será necessário reconhecer o fato de que alguns teóricos dos arquivos tentam timidamente racionalizar seus esquemas conceituais explorando conteúdo epistemológico. Esse esforço é observado através da leitura de alguns livros relacionados a esse assunto. A este respeito, destacamos as reflexões realizadas na École de *Chartes* da Sorbonne, em 2003, sobre a cientificidade da arquivística, e isso, apesar de filósofos da ciência e epistemólogos não terem sido convidados a este fórum para prestarem suas contribuições nessa matéria. Além do mais, consideramos a reflexão do professor Carol Couture sobre os campos de pesquisas na arquivística como uma possibilidade de soluções para a consolidação da arquivologia, especialmente porque este estudo de conteúdo filosófico ou gnoseológico promove o agrupamento e a identificação de pesquisas no campo dos arquivos.

Após realizar pesquisas de caráter epistemológico sobre a cientificidade da arquivística desde o ano 2000, reunimos os elementos de conclusão que sustentam que a arquivologia é o arcabouço epistemológico dos arquivos. Isso também se sustenta em nossa experiência como docente e pesquisador na universidade e

¹ Traduzido do original *Archivistique et archivologie: clarification épistémologique*, datado de 18 de abril de 2018, publicado no Canalblog, acessado em 07 de fevereiro de 2022, em: <http://archivistebateko.canalblog.com/archives/2018/04/18/36332251.html#:~:text=L'archivistique%20a%20%C3%A9t%C3%A9%20souvent,les%20archives%20%C2%BB%5B1%5D>

como profissional da área de arquivos desde 1995. A arquivística que ensinamos e consideramos como ciência experimenta limites epistemológicos para se beneficiar da qualificação de uma ciência repleta de critérios de validação epistemológica. E na hipótese de que a arquivística seja admitida como disciplina científica, deve-se reconhecer que se trata mais de uma abordagem paradigmática do que aquela que preconiza a interdisciplinaridade, ou mesmo a sintagmática.

É necessário ainda destacar que em 2006 a estudante Marie-France Luyingi Bobutaka havia mencionado as disciplinas de arquivos. Sobre isso, ela escreveu que:

“Nesta fase, gostaríamos de enfatizar que, do ponto de vista conceitual, a disciplina que trata dos arquivos evoluiu de acordo com os seguintes 3 termos: a arquivologia [l'*archivéconomie*],² a arquivística e a arquivologia. De fato, a arquivologia se origina do conceito de biblioteconomia. Foi definida como a ciência da economia dos arquivos, de acordo com a abordagem belga. A arquivologia também foi ensinada nas universidades congolenses, particularmente nas faculdades onde o ensino e a pesquisa em história foram organizados. A *arquivística* tem sido muitas vezes tratada como sendo a prática e a arte de gerenciar arquivos, seja a disciplina ou a ciência dos arquivos. Finalmente, a *arquivologia* se coloca como o arcabouço epistemológico da ciência cujo objeto são os arquivos”.³

A Arquivologia como disciplina científica dos arquivos também deve ser construída tanto pelo acúmulo de conhecimento quanto pela ruptura de conhecimentos. Nesse sentido, o francês Gaston Bachelard é o autor de reflexões sobre conhecimento e pesquisa científica. Ele inventa a “*psicanálise do conhecimento objetivo*” e é quem conceitua a “*ruptura epistemológica*”. Quanto ao americano Thomas Samuel Kuhn, ele consolida a ruptura epistemológica ao sustentar que uma ciência progride de forma fundamentalmente descontínua, ou seja, não por acumulação, mas por ruptura. Essas rupturas também são chamadas de revoluções científicas e são expostas principalmente em seu livro intitulado: *La structure des révolutions scientifiques* publicado em 1962, que ele escreveu quando ainda estava em Harvard

Para as ciências da informação e da comunicação, incluindo o campo científico dos arquivos, há cada vez mais epistemólogos que querem estabelecer a demarcação clara entre sua *práxis* e sua teorização [*leur pensée*].

1. Os Arquivos

Sustentamos que a Política e a Igreja são campos que constituem o celeiro predileto dos arquivos, sendo a História a maior usuária deles.

Do ponto de vista terminológico, o conceito “*arquivos*” [*archives*, no francês] está no plural feminino e quando escrito com **A** maiúsculo os Arquivos designam um serviço ou um depósito de arquivos, ou mesmo uma arquivoteca; por outro lado, com **a** minúsculo, arquivos significam documentos ou suportes de informação.

Para a história da escrita desse conceito, Bruno Delmas afirma que:

O termo “Arquivos” é um substantivo feminino plural, mas nem sempre foi assim. No século 18, era usado no masculino singular. O aparecimento, durante o século XIX, da palavra “arquivos” no plural feminino é consequência da formulação da noção de fundos

2 [N.T.]: O conceito *arquivologia*, pouco conhecido na literatura arquivística brasileira, não consta nos dicionários técnicos da área. Charley Luz lançou obra intitulada *Arquivologia Digital* que propõe “resgatar uma disciplina ‘esquecida’ nos estudos da arquivologia como uma possibilidade para se pensar o desenho de ambientes de gestão de arquivos digitais”. Ver matéria em:

<https://www.archivozmagazine.org/pt/resenha-do-livro-arquivologia-digital-de-charley-luz/>

No *Diccionario de Archivística* de José Ramón Cruz Mundet (Alianza editorial, 2011) encontra-se o verbete *Archivonomía*, assim definido: *Voz caída em desuso empleada hasta los años sessenta del siglo XX para referirse a una parte de la archivística que se ocupava de los Orígenes, principios y organización de los archivos.*

3 Marie-France Luyingi Bobutaka, *Aplicação dos campos de investigação de Carol Couture ao trabalho defendido em Arquivologia no Instituto Superior de Estatística de Kinshasa*, Dissertação de Licença (Bac+5) dirigida pelo Professor Denis Nzokantu e orientada pela Assistente Marie-Raphaël Wolo-wolo, Seção: Ciências e Técnicas Documentais, opção: Arquivos, Kinshasa, 2006, f. 42.

de arquivos, do qual se torna equivalente por contração. Esta utilização acompanha o reconhecimento do valor científico de fundos de arquivos que implica o princípio do respeito dos fundos. Desde o último quartel do século XX, filósofos e sociólogos reintroduziram o uso do conceito “arquivo” no singular, mas no feminino, como conceito geral, considerando o documento de arquivo como um vestígio, um monumento, um objeto de memória. O caráter fundamentalmente científico dos arquivos tende a se apagar diante do discurso memorial, de objeto cultural e museal.⁴

Esta dialética terminológica também é abordada pela Universidade de Genebra, no sentido de que

“Há alguns anos, os arquivos estão no centro de debates, controvérsias e diversas preocupações que ultrapassaram muito além dos círculos patrimoniais e históricos. Sinal paradoxal dessa centralidade: a singularização da palavra. Hoje se fala mais facilmente do “arquivo” do que dos “arquivos”. É uma forma de contornar ou evitar a instituição, o lugar e o depósito, em prol de uma extensão semântica que visa os suportes, os conteúdos e os usos que são diversificados. Tudo se torna arquivo e o arquivo parece assim recuperar o seu significado material e ontológico para designar a origem, o início, o primitivo, a matéria-prima. Em um momento de conversão digital irreversível, o arquivo confronta-se com a fragilidade dos suportes. Porque o arquivo é incerto, arquivar tornou-se uma obsessão do nosso tempo. Aposta de um futuro problemático, o arquivo não é mais apenas um rastro, um vestígio, uma relíquia, mas a expressão de uma consignação, uma conservação e uma preservação do nosso presente”.⁵

Do que foi dito, estimamos que o conceito “arquivos” deve ser transcrito conforme a escrita estabelecida pelos especialistas e pelos cientistas dos arquivos; pois nessa pluralidade de definições, a disciplina de notoriedade na matéria que é a arquivologia ou a arquivística deve ter supremacia sobre os demais campos.

2. A obsolescência da teoria das três idades dos arquivos

O arquivista americano Theodore Roosevelt Schellenberg⁶ foi o primeiro a destacar as três idades dos arquivos: a primeira idade, a segunda idade e a terceira idade. Ele é mais conhecido por suas contribuições à ciência arquivística, notadamente por distinguir o valor de um documento de arquivo como instrumento de prova e como fonte de informação. Suas duas publicações mais conhecidas são “*Modern Archives: Principles and Techniques*”,⁷ de 1956 e “*The Management of Archives*”, de 1965. Ele é o pai da *Records Management*, que traduzimos como *traçabilité managériale* [rastreadibilidade gerencial].⁸

Por sua vez, o francês Yves Pérotin⁹ formulou o conceito de “três idades dos arquivos” para o mundo francófono, já em 1961, com alguma teorização, em um artigo intitulado *L’administration et les “trois âges” des archives*, publicado na revista *Seine e Paris*. Ele propôs assim “a teoria das três idades dos arquivos”

4 Bruno DELMAS citado por Bob BOBUTAKA Bateko, « De l’Archivistique à l’Archivologie : Essai d’une rupture épistémologique » in *Revue de Bibliologie et Schéma et Schématisation: Le cycle interséculaire du libéralisme et du communisme. Vers la lutte finale?*, n° 79, Paris, L’Harmattan et Association Internationale de Bibliologie, 2013, p. 104.

5 Universidade de Genebra, colóquio internacional: de conhecimento: problemas e desafios, http://www.unige.ch/rectorat/maison-histoire/Recherche/Archives-1/Appel_a_contribution.pdf, consultado em 24 de setembro de 2013 às 19h.

6 Theodore Roosevelt Schellenberg Arquivista americano, nascido em 24 de fevereiro de 1903, em Garden Township (Kansas) e falecido em 14 de janeiro de 1970, em Arlington (Virgínia).

7 Publicado no Brasil pela Editora Fundação Getúlio Vargas (FGV), sob o título *Arquivos Modernos: Princípios e Técnicas*, 6ª edição, 2008.

8 [N.T.] No Brasil, traduzimos *Records Management* como gestão de documentos. Ao consultar o autor sobre a expressão *traçabilité managériale*, recebemos esta resposta: *Le Records Management, un anglicisme, traduit comme la traçabilité managériale qui est l’expression du mariage entre la gestion et les archives. C’est donc un ensemble de traces mises dans un contexte du processus de gestion. La traçabilité est l’ensemble des traces. Elle est aussi la capacité à suivre un produit tout au long de la chaîne.*

9 Yves Pérotin nasceu em 15 de julho de 1922, em Bordeaux e faleceu em 1 de março de 1981 em Perpignan, é arquivista francês. Foi recebido em 1942 na *École National des Chartes* e, retomando os estudos, defendeu tese sobre o capítulo colegial de Saint-Seurin de Bordeaux para obter o diploma de arquivista-paleógrafo em 1948. Dirigiu sucessivamente os Arquivos Departamentais de Lot-et-Garonne (1948-1952), da *Réunion* (1952-1958), da *Seine et du Var* (1971-1972). Ele também trabalhou como arquivista nas Nações Unidas antes de terminar sua carreira nos Arquivos Departamentais dos Pirineus Orientais (julho de 1974-maio de 1981).

contendo os *arquivos correntes* ou ativos, os *arquivos intermediários* ou semiativos e *arquivos arquivados*¹⁰ ou definitivos.¹¹ Yves Pérotin é mais conhecido por sua contribuição à arquivística de língua francesa. Em particular, deve-se a ele a primeira observação das três idades dos arquivos e as primeiras tentativas de adaptação dos procedimentos *de records management* na França que ele havia observado nos Estados Unidos da América e no Reino Unido.

Ao citar Schellenberg e Pérotin que revolucionaram a área dos arquivos, devemos citar também o arquivista britânico Sir Hilary Jenkinson,¹² que foi um ex-aluno da Universidade de Cambridge. Ele ingressou em 1906 no *Public Record Office*, que até 2003 era o nome dos *The National Archives*, que dirigiu de 1947 a 1954. Ele é conhecido, sobretudo por sua contribuição à arquivística de língua inglesa. O manual que ele publicou em 1922 seria a “bíblia” para os arquivistas de todos os países de língua inglesa, até a década de 1960.

A dialética da teoria das três idades em um contexto de questionamento sobre certos fundamentos da profissão do arquivista foi explorada durante o colóquio sobre a cientificidade da arquivística, organizado pela Associação Francesa de Arquivistas da École *National de Chartes*, da Sorbonne, em 2003. E em 2004, Marcel Caya, professor de arquivística canadense, explicou e sustentou que

“um conhecimento como a arquivística precisa muito de pesquisa e pesquisadores para dar suporte às bases científicas de suas práticas. Nas entrelinhas, uma outra questão preliminar também se colocava, sem que necessariamente tenha sido objeto de um exame exaustivo e que são os questionamentos atuais da arquivística tanto como ciência tanto enquanto prática (...). Minha exploração se inscreve, portanto, à margem da pesquisa arquivística aplicada e se junta a outros tipos de pesquisa mais prospectiva, mais teórica, para as quais nosso colega holandês Eric Ketelaar havia proposto o termo arquivologia”.¹³

Este arquivólogo canadense sustenta a redução da teoria das idades em duas componentes, ao realçar o fracasso da segunda idade no sentido de que “o questionamento da aplicabilidade da teoria das três idades na Europa partiu da própria administração francesa no tratamento da noção de pré-arquivamento proposta por Yves Pérotin. Desde 1978, o abandono pelo governo francês do serviço de pré-arquivamento dos *Arquivos Nacionais de Fontainebleau* marcou um sério retrocesso na utilização do depósito intermediário sob gestão conjunta dos ministérios produtores e dos arquivos”.¹⁴

E, conseqüentemente, apresentamos a *teoria das necessidades dos documentos arquivísticos* com seus dois ciclos ou subsistemas: *rastreabilidade gerencial [la traçabilité managériale]* e *rastreabilidade historiográfica [la traçabilité historiographique]*. O desaparecimento da teoria das três idades dos arquivos não é uma fatalidade, mas entra na dinâmica epistemológica que preconiza o nascimento de uma teoria, seu desenvolvimento, sua maturidade e sua morte utilitária [funcional]; essa racionalidade do conhecimento teórico é construída com base no questionamento ponderado do mesmo, apoiado em elementos científicos convincentes.

Tabela sinótica e diferencial entre a rastreabilidade gerencial e a rastreabilidade historiográfica		
Atributo arquivológico	Rastreabilidade gerencial	Rastreabilidade historiográfica
Orientação gerencial	Gestão de arquivos correntes e intermediários	Gestão de arquivos históricos
Fundamento	Gerenciamento de registros	História e heurística

10 [N.T.] Essa expressão *archives archivées* consta no artigo original de Marcel Caya, *La théorie des trois âges en archivistique. En avons-nous toujours besoin?*, disponível em <http://elec.enc.sorbonne.fr/conferences/caya>, consultado em 17 de março de 2022.

11 [N.T.] No Brasil, utilizamos a expressão *arquivos permanentes*.

12 Sir Hilary Jenkinson foi um arquivista britânico, nascido em 1882 e falecido em 5 de março de 1961.

13 Marcel Caya, *A teoria das três idades na ciência arquivística. Ainda precisamos disso?* École des chartes, quinta-feira, 2 de dezembro de 2004, <http://elec.enc.sorbonne.fr/conferences/caya>, acessado em 24 de dezembro de 2012 às 18h45.

14 Ibid, *ibidem*.

Tabela sinótica e diferencial entre a rastreabilidade gerencial e a rastreabilidade historiográfica		
Atributo arquivológico	Rastreabilidade gerencial	Rastreabilidade historiográfica
Ferramenta de trabalho	Tabela de temporalidade [Le Calendrier de Conservation et d'Elimination]	Os instrumentos de pesquisa
Perfil de necessidades	Necessidades mais orientadas para os produtores do documento de arquivo	Necessidades mais orientadas para o usuário externo
Base paradigmática	Construção dos fundos de arquivos	Exploração dos fundos de arquivos
Colaboradores preferenciais	Gerentes, empregadores, funcionários, advogados, historiadores, Arquivos Nacionais etc.	Antropólogos, historiadores, políticos, sociólogos, especialistas diplomáticos, paleógrafos, Arquivos Nacionais etc.
Abordagem legislativa	Exploração das normas e regulamentos internos da instituição e das disposições legais nacionais.	O uso de disposições legais nacionais
Princípios arquivísticos	O princípio do respeito dos fundos ou o princípio da proveniência, o princípio da ordem original e o princípio da numeração	O princípio da restauração, o princípio da universalidade e o princípio da territorialidade.
Valor	Probatório	Informativo

Fonte: quadro concebido pelo autor

3. Arquivística: inteligência pragmática da gestão de arquivos

Há um debate sobre a cientificidade da arquivística e, com base em várias reflexões, estamos entre os que sustentam que a arquivística é uma técnica ou uma disciplina de gestão dos arquivos. Do ponto de vista histórico, podemos recordar também que os primeiros escritos relativos à arquivística foram impressos em 1571, cujo autor é o aristocrata alemão Jacob Von Rammingen, considerado o *pai* deste objeto acadêmico. Ele fundou uma tradição arquivística na Alemanha que persistiu por pelo menos dois séculos.

As pesquisas na arquivística como disciplina foram destacadas pela *troika* Holandesa composta por Samuel Muller, Johan Adriaan Feith e Robert Fruin através de sua publicação intitulada: *Manuel pour le classement et la description des archives*, cujo título original é *Handleiding voor het ordenen en beschrijven van archieven*, publicado em Groningue em 1898.

O Conselho Internacional de Arquivos define a arquivística como uma disciplina que lida com os aspectos teóricos e práticos da função *arquivos* e sustenta que a arquivística é a administração e a gestão dos arquivos enfatizando as práticas ou ações gerenciais de arquivos.

Carol Couture, que está entre os maiores pensadores contemporâneos da arquivística, cita o trabalho de Robert Garon:

Para Robert Garon (1990, pp. 23-24), está estabelecido que a arquivística tem um objeto distinto das disciplinas conexas: informação registrada orgânica. Também aplica métodos que lhe são particulares, tais como normas e critérios, períodos de conservação e regras para a seleção de documentos. Quanto à finalidade da arquivística, não há dúvida sobre a sua originalidade: “a preservação e utilização da informação para fins diferentes daqueles para os quais foi produzida”. (COUTURE & DUCHARME 1990, p. 12).¹⁵

Ao mesmo tempo em que incentiva os esforços para a construção científica da arquivística explorada por Carol Couture, um questionamento dos aspectos metodológicos apresentados por Robert Garon se impõe, pois as normas e os critérios não são métodos científicos. De fato, uma ciência deve ter sua estrutura metodológica científica precisa; o que não é o caso na literatura de Garon. A esse respeito, somos contemplados com o argumento metodológico de David Gracy que sugere que a *Arquivística requer metodologia adequada tal qual a análise comparativa, estatística, qualitativa ou histórica*.¹⁶

A arquivística abrange esquemas conceituais, tais como a arquivística tradicional, o *records management*, a teoria do *continuum*, a arquivística integrada, a arquivística internacional etc. A arquivística tradicional tem suas origens na França e sua quintessência é a rastreabilidade historiográfica. O *records management*, cuja gênese está ligada ao arquivista americano Theodore Roosevelt Schellenberg que foi designado respectivamente pelos presidentes americanos Harry S. Truman, em 1947 e Dwight D. Eisenhower, em 1953, para a instalação da comissão Hoover, cujo objetivo principal era estudar os “*écrits de gestion*” na organização e funcionamento de todos os departamentos da administração federal dos Estados Unidos da América.

De acordo com Luis Carlos Lopes, a arquivística integrada parece ser a mais suscetível de sustentar uma abordagem globalizante que reúna com sucesso a arquivística tradicional e o *records management*. Atualmente, a arquivística integrada continua a se desenvolver.¹⁷

A arquivística internacional, segundo Marcel Lajeunesse, que defendia a ideia do internacionalismo arquivístico, é um paradigma para o exercício das profissões documentárias. Também assumiu a defesa da seguinte ideia: o campo da informação, bibliotecas e arquivos é, em essência, um campo de natureza internacional. *A informação não se restringe às fronteiras dos Estados nacionais*.¹⁸

Sobre os aspectos das disciplinas dos arquivos, também deve ser feita referência à pesquisa na arquivística. Com efeito, verifica-se que esta se exerce em condições particulares, nomeadamente de multidisciplinaridade, que implicam, entre outras, o *records management*, a história, a administração, a informática e a biblioteconomia; e podemos estender a lista com disciplinas como a bibliologia, a antropologia, a etnologia etc.

Constatamos a existência de um debate sobre uma “*abordagem africanista*” da arquivística onde a oralidade é sublinhada como fundamento dos arquivos. Além disso, é importante destacar que os arquivos também exploram a mnemotécnica, que é o conjunto de métodos que facilitam a memorização.

Claramente, o propósito da arquivística é a memória. Os paradigmas fundamentais dos arquivos são a preservação e a comunicação das informações. No sistema da oralidade, a conservação e uso da informação produzida pela sociedade tradicional africana são geridos principalmente pelo *griot*.¹⁹ Nessa lógica, seria conveniente que a arquivística, segundo a corrente africanista, pudesse levar em conta principalmente a antropologia, a sociologia, a etnologia etc. para melhor associar sua inteligência em um ambiente com

15 Carol COUTURE et Daniel DUCHARME, Étude: La recherche en archivistique: un état de la question, in *Archives*, Vol. 30, numéros 3 et 4, 1998-1999, p. 12. Disponível em: https://www.archivistes.qc.ca/revuearchives/vol30_3-4/30-3-4-ducharme-couture.pdf

16 Marcel Caya, A teoria das três idades na ciência arquivística. Ainda precisamos disso? École des Chartes, quinta-feira, 2 de dezembro de 2004, <http://elec.enc.sorbonne.fr/conferences/caya>, acessado em 24 de dezembro de 2012 às 18h45.

17 Luís Carlos LOPEZ, Vers une archivistique internationale à l'ère de l'information, in *Archives*, Vol. 29, nº 2, 1997-1998, p. 45.

18 Marcel LAJEUNESSE cité par Luís Carlos LOPEZ, «Vers une archivistique internationale à l'ère de l'information» in *Archives*, Vol. 29, nº 2, 1997-1998, p. 45.

19 Os *griots* são contadores de história, cantores, poetas e musicistas da África Ocidental. São muito importantes para a transmissão dos conhecimentos dentro das culturas de diferentes países africanos, sendo também referidos como jali (em mandês), gwel (em wolof), iggawen (em hassania) ou arokin (em iorubá). O termo *griot* vem da palavra *guiriot*, em francês e da palavra criado, em português. Franceses e portugueses realizavam trocas comerciais com países da África Ocidental, transformando algumas palavras tradicionais em expressões nas línguas dos colonizadores. Extraído de: <https://www.mawon.org/post/griots-os-guardi%C3%B5es-das-palavras>

tradição oral. Nessa abordagem da oralidade, estamos em processo de consolidação dos neologismos “oralística”²⁰ e “oralogia”.²¹

Pois bem, na definição do quadro de pesquisa arquivística, David Gracy *acredita que a pesquisa arquivística deve ser realizada levando-se em conta cinco condições: (1) A pesquisa arquivística deve ir além da mera descrição de eventos: requer uma metodologia adequada, como a análise comparativa, estatística, qualitativa ou histórica; (2) A natureza arquivística da informação deve constituir um campo prioritário de investigação; (3) A pesquisa arquivística deve recorrer à ciência da informação, especialmente no que se refere aos documentos eletrônicos; (4) A pesquisa arquivística deve assumir uma dimensão internacional; (5) Devem ser feitos esforços sistemáticos para encontrar os fundos necessários para financiar a pesquisa.*²²

4. Arquivologia: ciência dos arquivos

Sob o impulso dos trabalhos de Robert Estivals sobre a cientificidade da escrita e da comunicação escrita (bibliologia), e a contribuição de Eric Ketelaar, procuramos dar conteúdo epistemológico à arquivologia como ciência dos arquivos em oposição à arquivística, que é a técnica de gestão dos arquivos. Para estabelecer a ruptura epistemológica da arquivística como ciência, Hubert Fondin²³ enfatiza que “(...) tratar a arquivística como ciência seria um abuso de linguagem, da mesma forma que a documentação está para a biblioteconomia, é uma técnica de aprimoramento, uma preocupação com manuseio de objetos ao invés de reflexão científica; mas, como qualquer técnica, a arquivística deve estar ligada a uma ciência fundadora”.²⁴

Além disso, Eric Ketelaar diverge da definição de arquivística como ciência especialmente porque não responde fundamentalmente à pergunta “Por quê?”. Nesse sentido, mostrou-se “bastante hesitante quanto ao estatuto científico da arquivística (...) referiu numa das suas conferências que o conhecimento arquivístico era essencialmente construído em torno das questões «O quê?» e «Como?», mas raramente em torno da pergunta «por quê?». Pode-se acrescentar que para qualquer projeto científico, mas particularmente para uma ciência relacionada ao campo das humanidades, a ausência desta terceira questão coloca problemas singulares.

É verdade que o debate sobre a natureza científica da arquivística não está colocado para o arquivista, mas sim está ao alcance do arquivólogo. Em outros termos, a preocupação fundamental do profissional de arquivos é sua gestão, enquanto que o objetivo do arquivólogo é a reflexão epistemológica sobre os arquivos.

O conceito “arquivologia” é cada vez mais utilizado para designar a ciência ou o discurso sobre os arquivos. A publicação dos alemães Knut Ebeling e Stephan Günzel intitulada “*Archivologie. Theorien des Archivs in Philosophie, Medien und Künsten*”, publicado em Berlim em 2009, consolida nossa heurística epistemológica da arquivologia. A tradução abrangente deste título pode ser “*Arquivologia: teoria e Filosofia dos Arquivos*”. Estes dois autores definem o contexto da mutação da arquivística na arquivologia no sentido de que “(...) inscreve uma reflexão sobre a arquivística num quadro contemporâneo que não se limita ao campo dos arquivos em si, mas que diz respeito às transformações das sociedades modernas ou pós-modernas”. Para os autores, o discurso sobre [os arquivos] está no auge desde a queda do muro de Berlim, a expansão de novas economias e o surgimento de novas guerras. Para dar dimensão global à sua reflexão, eles sugerem usar o termo proposto por Jacques Derrida: arquivologia”.²⁵

A construção de um conceito tem também uma história e uma gênese; cabe-nos notar que o francês Jacques Derrida,²⁶ em sua publicação intitulada “*Mal d’archive*”, publicada pelas edições *Galilée*, em 1995,

20 É uma técnica de gestão da oralidade.

21 É um corpo de conhecimento estruturado cientificamente para responder às questões de quando? onde?, como? e porquê? da oralidade.

22 David GRACY cite par Carol COUTURE, II. La recherche en archivistique (suite): Chapitre 3. État de la question, in L’importance et la définition de la recherche en archivistique (umontreal.ca), consultado em 19 de abril de 2017, às 19h24.

23 Professor francês de Ciências da Informação na Universidade de Bordeaux III.

24 Marie-Françoise Liard, *A arquivística é uma ciência?*, Boletim das bibliotecas francesas, 2003- Paris, t. 48, nº 3, <http://bbf.enssib.fr/consulter/bbf-2003-03-0099-005>, consultado em 30 de abril de 2011 às 11h34.

25 Knut Ebeling e Stephan Günzel, *Archivologie*, <http://archivists.hypotheses.org/463>, acessado em 24 de julho de 2011 às 21h34.

26 Jacques Derrida nasceu Jackie Derrida, em 15 de julho de 1930, em El Biar (Argélia francesa) e morreu em 8 de outubro de 2004 em Paris. Jacques Derrida é um francês de origem argelina. Foi um filósofo francês que criou e depois desenvolveu a noção de desconstrução. Seguindo

previu a existência desse conceito ao argumentar que “(...) a arquivologia (...), uma palavra que não existe, mas que pode descrever uma ciência geral e interdisciplinar de [arquivos]”.²⁷

Ao utilizar a arquivologia em vez da arquivística, nossos colegas alemães justificam a interdisciplinaridade à profissão que explora os arquivos. Para consolidar a justificativa terminológica da arquivologia, Marcel Caya observou que “nosso colega holandês Eric Ketelaar²⁸ havia proposto o termo ‘arquivologia’”.²⁹ Além disso, Yves Pérotin, diretor dos *Archives de la Seine*, questionou, na década de 1960, sobre a conveniência de usar o termo “arquivologia”.

A arquivologia e a arquivística têm como fundamento os arquivos. O Conselho Internacional de Arquivos os define como sendo “todos os documentos, qualquer que seja a sua data, sua forma e seu suporte material, produzidos ou recebidos por qualquer pessoa física ou jurídica, e por qualquer serviço ou organismo público ou privado, no exercício da sua atividade (...)”.³⁰

Muitos estudiosos acreditam que essa definição é mais institucional e pragmática, portanto é limitada. Para sustentar essa abordagem acerca da definição, acrescentamos que “na linguagem cotidiana, falamos de arquivos fílmicos, arquivos orais, arquivos de imagem e som para designar documentos que, na realidade, de forma alguma correspondem à definição oficial”.³¹

Quanto a nós, “os arquivos são a informações cristalizadas emanadas das atividades de qualquer pessoa física ou jurídica numa abordagem de materialidade, de desmaterialização e de imaterialidade assim constituídas, tratadas, preservadas e difundidas para fins da gestão, da identidade e do conhecimento da mesma”.³²

Também podemos notar que os arquivos da primeira idade e da segunda idade fazem parte da gestão documental que alguns denominam inapropriadamente de arquivos administrativos e que os anglo-saxões qualificam como *Records Management* em oposição à rastreabilidade historiográfica que chamam de *Archives*. Além disso, a noção de inatividade dos arquivos na terceira idade é em função da não utilização desses documentos arquivísticos por seus produtores; no entanto, eles são ativos em seu novo ambiente, onde serão guardados e utilizados para a “eternidade”. Assim, formulamos também *la théorie de l’inertie des documents d’archives historiques*.

5. Autores que utilizaram o conceito de arquivologia³³

O conceito de *arquivologia* leva algumas pessoas a acreditar que este não é passível de uso científico, no entanto, já é encontrado em inúmeras literaturas científicas por autores importantes que pesquisam os arquivos. Para isso, a construção de alguns círculos internacionais de utilização do conceito de arquivologia é essencial para a validação epistemológica desse conceito.

1. O círculo alemão

Os professores Markus Knut Ebeling e Stephan Gunzel usam o substantivo arquivologia em seu livro

Heidegger, Derrida busca ir além da metafísica tradicional e suas ressonâncias em outras disciplinas. Depois de se formar em literatura na Universidade de Paris, foi para os *Archives Husserl*, em Louvain, em 1953-1954. Obteve o diploma de estudos superiores em filosofia com uma tese sobre *O problema da gênese na filosofia de Husserl*, influenciado pelas obras de Jean Hyppolite e Jean Cavaillès. Ele segue os cursos de Michel Foucault.

27 Knut Ebeling e Stephan Günzel, *Archivology*, <http://archishs.hypotheses.org/463>, acessado em 24 de julho de 2011 às 21h34.

28 Eric Ketelaar (1944) é Professor de Arquivologia (Ciência de Arquivos) no Departamento de Estudos de Mídia (Arquivos e Estudos de Informação) da Universidade de Amsterdã (desde 1997). Ele é Professor Honorário da Monash University, Melbourne (Faculdade de Tecnologia da Informação).

29 Marcel Caya, *A teoria das três idades na ciência arquivística. Ainda precisamos disso?* Disponível em: <http://elec.enc.sorbonne.fr/document72.html>, acessado em 25 de julho de 2008 às 15h34.

30 CIA, *Dictionnaire de terminologie archivistique*, Paris, CIA, 1984, p. 25.

[N.T.] Esta definição também se encontra no *Dictionnaire de Terminologie archivistique*, Direction des archives de France, 2002. Disponível para download em: <https://francearchives.fr/file/4f717e37a1befe4b17f58633cbc6bfc54f8199b4/dictionnaire-de-terminologie-archivistique.pdf>

31 Universidade de Lausanne, Curso 3: a profissão e a formação de um arquivista, 10 de junho de 2002, pp. 30-31.

32 Bob Bobutaka Bateko, *França, Bélgica e os dois Congos: memória histórica, abordagem arquivística e comunicação política*, Paris, Edilivre, 2017, p.12.

33 Faustin Ngongo Musuyu, *Ensaio de Reflexão sobre Arquivologia como Filosofia de Arquivos*, Dissertação de Licença (Bac+5), diretor Professor Bobutaka Bateko e orientado por Raphaël Wolo-wolo, Seção: Ciências e Técnicas Documentárias, opção: Arquivos, Kinshasa, 2016, 120 f.

intitulado “Archivologie. Theorien des Archivs in philosophie, medien und Künsten” publicado em 2009, em Berlim. A tradução literal deste título é “*Archivologie: la théorie et la philosophie des archives*”.

2. O círculo francês

É nesse círculo em que surge a sugestão do conceito de arquivologia pelo professor Jacques Derrida em *Le Mal d'archives*, em 1995, ciente de seu pensamento, de que “o conceito de arquivologia ainda não é utilizado, mas pode descrever uma ciência geral e interdisciplinar de arquivos”.³⁴

Também podemos citar neste rol as reflexões de Yves Pérotin e do Professor de Arquivística Bruno Delmas. Com efeito, o segundo cita o primeiro para justificar o conceito de *arquivologia*, em especial através do livro de Pérotin intitulado: *Manuel d'archivologie tropicale*, publicado no início da década de 1960.

3. O círculo holandês

Quanto a este círculo, salientamos o Professor Eric Ketelaar que também utilizou o substantivo arquivologia, então citado pelo Professor Marcel Caya, durante a conferência da *l'Ecole de Chartes*, em 2004 e durante a sua comunicação, que mencionou que “(...) a exploração se inscrevia paralelamente à pesquisa arquivística aplicada e se juntou a outros tipos de pesquisa mais prospectivas, mais teóricas, para as quais nosso colega holandês Eric Ketelaar havia proposto o termo “arquivologia”.³⁵

4. O círculo canadense

Neste círculo que também destaca a riqueza nobre da disciplina e da profissão de arquivos pela sua abundante produção no campo dos arquivos, citamos Marcel Caya que explora a *arquivologia* no seu artigo científico sob o título “*La théorie des trois âges en archivistique. En avons-nous toujours besoin?*”. Ele sustenta que é importante considerar a pesquisa arquivística, conforme havia previsto o professor Eric Ketelaar que essa pesquisa é da competência da arquivologia.

A contribuição do professor Marcel Caya na conceituação da arquivologia é valiosa pelo fato de que ele foi capaz de revelar a pesquisa terminológica a isso relacionada, realizada por seu colega arquivólogo Ketelaar. Esse reconhecimento científico lhe rendeu uma paternidade desse conceito, especialmente porque antes de sua referência pouco se sabia que no mundo dos professores de Arquivologia havia também o uso *da arquivologia como ciência dos arquivos*.

Isso reforça o argumento de que a leitura de publicações é essencial para o conhecimento e compreensão da ciência.

5. O círculo da América Latina

O conceito de arquivologia em língua espanhola, também utilizado na Argentina “arquivólogo”,³⁶ é utilizado pela professora Norma Fenoglio da escola de Arquivologia da Universidade Nacional de Córdoba na Argentina. Ela reconhece o problema terminológico vivenciado em seu espaço científico entre *archivologo*, *archivistica* e *archivero*. Este círculo utiliza a arquivologia para designar toda uma cadeia científica, ou, de outra forma, uma escola de formação no campo dos arquivos.

Claro, é oportuno destacar o fato de que nossa colega Norma Fenoglio nos incentivou quando leu em 2013 nosso artigo científico intitulado: *De l'archivistique à l'archivologie: essai d'une rupture épistémologique*. Informou-nos sobre a utilização desta publicação científica nos seus cursos e pesquisas com vista a consolidar os aspectos diferenciais entre a arquivística e a arquivologia.

34 Bob Bobutaka Bateko, *Arquivologia, Bibliologia e Comunicologia: abordagem epistemológica*, Saarbrücken, European University Editions, 2014, p.20.

35 Marcel Caya, *A teoria das três idades na ciência arquivística. Ainda precisamos disso?* Edição online da *l'Ecole de Chartes*, Paris, 2004, p.1.

[N.T.] Disponível em: <http://elec.enc.sorbonne.fr/conferences/caya>

36 Sobre este assunto, leia uma correspondência eletrônica entre a Professora Norma e o Professor Bobutaka sobre “From archival science to archivology (...)”, quinta-feira, 6 de fevereiro de 2014 às 16h12.

6. O círculo da República Democrática do Congo

Constatamos que esse círculo é mais defendido pelo Doutor Professor Bob Bobutaka em suas muitas publicações sobre o questionamento filosófico e epistemológico das ciências da informação e comunicação, notadamente:

1. *Ecrit, information et communication en République Démocratique du Congo: essai de Bibliologie*, Kinshasa, L'Harmattan, 2009, 183p; aí exploramos o conceito de arquivologia na página 109 enfatizando “Yves Pérotin com sua teoria das três idades e a conceituação do termo arquivologia (...)”.

2. *RD Congo-Belgique : Archives, Bibliothèque et Bibliologie*, Saarbrücken, European University Editions, 2013, 301 p, na qual fizemos uso da arquivologia na página 4, observando que “a arquivologia não preencheria as condicionantes epistemológicas se não conseguir construir em particular seu campo terminológico, sua semântica, sua sintaxe teórica, seu arcabouço metodológico etc.».

3. *Archivologie, Bibliologie et Communicologie: approche épistémologique*, Saarbrücken, European University Editions, 2014, 423 p, que desde a introdução do livro na primeira página cita a arquivologia como uma disciplina científica que consagra as epistemologias dos arquivos (...).

4. *Archivistique, Bibliothéconomie, Documentation et Légistique : Des disciplines de la bibliologie*, Paris, L'Harmattan, 2015 e 315 p. Exploramos a arquivologia argumentando que “muitos teóricos utilizam o conceito de ‘arquivologia’ em vez de ‘arquivística’ para designar o campo científico dos arquivos”.

5. *Bibliologie : science de l'information et de la communication*, Saarbrücken, European University Editions, 2015, contendo 478 páginas. No intervalo de páginas que vai de 261 a 275, exploramos a Arquivística e a Arquivologia.

6. «*Courrier électronique ou média interactif: de la bibliomatique à l'archivologie électronique*» in *Revue de la Bibliologie, Schema et Schematologie: Tribute to Elena Savova*, n°75, Paris, L'Harmattan, Société de Schematologie et de Bibliologie, 2010, pp.107-112. Este artigo científico explora sistematicamente a arquivologia.

7. «*De l'archivistique à l'archivologie: essai d'une rupture épistémologique*», in *Revue de Bibliologie, Schema et Schematologie: o ciclo intersecular do liberalismo e do comunismo, rumo à luta final?*, n°79, Paris, L'Harmattan, 2013, pp 110-132 em que explora o conceito de arquivologia como determinante científico ou epistemológico dos arquivos.

Recentemente, em 2017, publicamos outro livro que também aborda igualmente os elementos arquivológicos, intitulado *La France, la Belgique et les deux Congo: mémoire historique, approche archivologique et communication politique*, publicado pelas edições *Edilivre*, em Paris, contendo 282 páginas. Nesta publicação, tratou-se também de estabelecer a correlação entre História, a Arquivística e a Arquivologia, entre as páginas 13 e 32.

Além disso, retomamos os elementos do texto da dissertação acadêmica de Evariste Makaya, de 2006 a 2016 sobre arquivologia, nos seguintes termos: “convém assinalar que enumeramos 20 dissertações sobre arquivologia no Instituto Superior de Estatística de Kinshasa e 3 dissertações na Universidade de Kinshasa, isto através dos seus departamentos de Ciências e Técnicas Documentárias. No que diz respeito às instituições onde desenvolvemos a nossa investigação, o ISS/kin produziu muitas dissertações que exploravam a arquivologia em relação à Unikin. A primeira a utilizar o conceito de arquivologia na forma de dissertação³⁷ foi a aluna Marie-France Luyingi Bobutaka com sua dissertação (de final de curso superior

37 [N.T.] No original, *mémoire de licence*.

em Arquivística, defendida em 2006) intitulada: *Application des champs de recherche de Carol Couture sur des travaux défendus au département de sciences et techniques documentaires de l'Institut Supérieur de Statistique de Kinshasa*.³⁸

É certo que neste exercício cognitivo que visa a construção da história conceitual da arquivologia deve-se notar também que, em 2018, o arcabouço conceitual da arquivologia enriqueceu-se com a contribuição terminológica do russo Eugene Starostine.³⁹ Este professor de arquivística também evocou a arquivologia nestes termos: *Ele chama a atenção da comunidade científica para a necessidade de estudar a forma como todos os eventos comuns e extraordinários da vida são documentados em diferentes civilizações e chama isso de "fixação da vida em documentos" - a arquivologia* (o termo original cunhado por E. V. Starostine – nota de VT). *Em suas publicações, ele insiste muito no fato de que, para o historiador, o conhecimento das lacunas nos fundos que estuda e a origem delas (destruição selvagem, avaliação documental, conflito armado, desastre natural, realocação do serviço) são tão importantes quanto o conhecimento e o domínio das fontes presentes e disponíveis.*

Essa contribuição do professor Starostine pode fornecer material para estabelecer um círculo russo na construção conceitual da arquivologia.

Em suma, esta viagem ao redor do mundo demonstra a aceitação, a validação e uso universal do conceito de *arquivologia*. Este estado de coisas consolida a história científica do conceito de arquivologia.

Tabela diferencial de arquivística e de arquivologia ⁴⁰		
Identificação	Arquivística	Arquivologia
Orientação disciplinar	Disciplina pragmática ou operacional dos arquivos.	Disciplina epistemológica dos arquivos.
Produção científica	Saber científico de arquivos	Conhecimento científico de arquivos
Questionamento epistemológico	Baseia-se nas perguntas <i>O que fazer?</i> e <i>como fazer?</i>	Ele responde à pergunta <i>por quê?</i>
Comportamento bibliológico	Uso de fundos de arquivos	Produção de livros sobre os arquivos
Atividade profissional	Gerenciador de arquivos	Teórico, cientista dos arquivos
Direção de pesquisa	Pesquisa administrativa e profissional	Pesquisa Científica e Interdisciplinar

38 Evariste Makaya Malanda, *Análise do conceito de Arquivologia nas memórias das Ciências e Técnicas Documentais no Instituto Superior de Estatística de Kinshasa e na Universidade de Kinshasa: abordagens bibliográficas e bibliométricas*, Dissertação de Licença (Bac+5), dirigida pelo Professor Bob Bobutaka Bateko e orientada pela Chefe de Obras Marie-Raphaël Wolo-wolo, Secção: Ciências e Técnicas Documentais, opção: Arquivos, Kinshasa, 2016, ff. 104-105.

39 Eugène V. Starostine nasceu em 4 de novembro de 1935, em Sollitetsk e morreu em 23 de março de 2011, em Moscou. É historiador e arquivista russo, especialista da UNESCO (1994-1995), doutor em história (1972) doutor estadual em ciência arquivística, documentação e gestão documental (1995), eminente especialista em arquivística e história universal dos arquivos, crítica e tipologia de fontes, história do pensamento sociopolítico russo, especialista em Peter Kropotkin, especialista em restituição de bens culturais. Professor Titular (1992) e Diretor da Cátedra de História e Organização de Arquivos (1981-2011) do Instituto de História e Arquivos da Universidade Estatal de Humanidades de Moscou (1992-1996).

40 Bob Bobutaka Bateko, *Arquivologia, Biblioteconomia, Documentação e Legística: Disciplinas de Bibliologia*, Paris, L'Harmattan, 2015, p. 237.

Tabela diferencial de arquivística e de arquivologia ⁴¹		
Identificação	Arquivística	Arquivologia
Denominação	Arquivista, Gestor de documentos, curador de arquivos etc.	Arquivólogo, cientista de arquivos, epistemólogo de arquivos etc.
Éticas profissionais	Discrição, comunicação de arquivos de acordo com os prazos de comunicabilidade	Pedagogo, comunicador de arquivos para fins de pesquisa e de aprendizagem
Psicopedagogia Profissional	<i>Magister dixit</i> , aplicação rigorosa de normas e textos legais	Dialética científica de normas, teorias, textos etc.
Quintessência profissional	Ofício de arquivista com domínio da técnica da gestão de arquivos	Cientista defendendo a interdisciplinaridade
Psicocomunicação	Ele dificilmente fala, por ética profissional	Ele fala muito para explicar os fenômenos dos arquivos

Fonte: Quadro desenhado pelo autor

A título de síntese hermenêutica desse quadro, podemos nos permitir estabelecer o paralelismo diferencial entre o farmacêutico e o farmacologista para aplicá-lo à diferenciação entre o arquivista e o arquivólogo. Com efeito, o farmacêutico é titular do diploma de doutor em farmácia e que trabalha em um laboratório, ou mesmo numa fábrica ou em um galpão farmacêutico, enquanto que o farmacologista é um especialista e teórico da farmacologia: a ciência médica e da farmácia que lida com medicamentos e outras substâncias ativas no organismo. Assim, o arquivista é comparável a um farmacêutico, enquanto que o arquivólogo atua como um farmacologista.

Além disso, notamos também que em vários países a qualificação de arquivista é atribuída a quem trabalha num serviço de arquivo, ainda que não possua diploma na profissão de arquivista. E com o surgimento de universitários no campo dos arquivos, o qualificativo de arquivólogo também possibilita fazer uma demarcação significativa.

Conclusão

Estamos convencidos de que a ciência fundadora da arquivística é a arquivologia, e que esta faz parte da bibliologia; esta última inserida no universo das ciências da informação e da comunicação. Essa mesma abordagem também é aplicável à biblioteconomia e documentologia, que são respectivamente as ciências básicas da biblioteconomia e da documentação.

A diferença entre arquivologia e arquivística torna-se mais clara. Um arquivólogo utiliza principalmente livros e outras publicações em arquivos para exercer sua profissão de professor e pesquisador, enquanto um arquivista atua com os fundos de arquivos. Se o arquivista, profissional da escrita administrativa é discreto por razões de ética profissional, o arquivólogo, como epistemólogo e pedagogo universitário dos arquivos comunica adequadamente sobre os arquivos.

Para corroborar nossas reflexões epistemológicas sobre a arquivologia, escrevemos que “Nossas pesquisas sobre o arquivólogo estão ainda mais consolidadas. Se o arquivista é um profissional que trabalha num serviço de arquivo, o arquivólogo pode ter o mesmo perfil de formação do arquivista, mas após a formação

41 Bob Bobutaka Bateko, *Arquivologia, Biblioteconomia, Documentação e Legística: Disciplinas de Bibliologia*, Paris, L'Harmattan, 2015, p. 237.

universitária é recrutado para realizar investigações epistemológicas relacionadas com a área dos arquivos".⁴² O estudo sobre os campos de pesquisa em arquivística do acadêmico canadense Carol Couture, financiado pela Unesco,⁴³ se situa muito bem no campo arquivológico, tanto mais que este estudo não poderia ser aplicado na atividade arquivística, senão na gestão de um serviço de arquivo. O seu lugar predileto é no mundo acadêmico produzindo e explorando a documentação subterrânea ou trabalhos defendidos sobre os arquivos, tais quais: o trabalho de final do primeiro ciclo superior ou universitário (Bac+3), a dissertação (Bac+5) ou a do Mestrado, ou ainda, a do 3º ciclo e a tese de doutoramento.

Por fim, e para fixar mais, o arquivista atua principalmente nas práticas arquivísticas, enquanto o arquivólogo constrói sua heurística e sua comunicação pedagógica através do uso racional de livros, dos artigos científicos e da produção documental universitária etc., na temática da pesquisa sobre os arquivos. De qualquer forma, se a formação profissional de arquivistas-profissionais-gestores de arquivos não necessitasse desse tipo de intercâmbio, certamente com a organização de cursos de doutorado em algumas universidades na área de arquivos, seria necessário incentivar mais a elevação dos pensamentos filosóficos e a construção de esquemas dialéticos em torno de problemas epistemológicos fundamentais da disciplina de arquivos.

Referências bibliográficas e webgráficas

Bobutaka Bateko Bob, *Archivistique, Bibliothéconomie, Documentation et Légistique : Des disciplines de la bibliologie*, Paris, L'Harmattan, 2015, 315 p.

Bobutaka Bateko Bob, *Archivologie, Bibliologie et communicologie : approche épistémologique*, Saarbrücken, Editions Universitaires Européennes, 2014, 423 p.

Bobutaka Bateko Bob, *Bibliologie : science de l'information et de la communication*, Saarbrücken, Editions Universitaires Européennes, 2015, 478 p.

Bobutaka Bateko Bob, *Courier électronique ou média interactif : de la bibliomatique à l'archivologie électronique* in *Revue Bibliologie, Schéma et Schématisation : Hommage à Elena Savova*, n° 75, Paris, L'Harmattan, 2010, pp. 112- 131.

Bobutaka Bateko Bob, *De l'archivistique à l'archivologie : essai d'une rupture épistémologique*, in *Revue de Bibliologie, Schème et Schématologie : le Cycle inter-séculaire du libéralisme et du communisme, vers la lutte finale ?*, n°79, Paris, L'Harmattan, 2013, pp 110-132.

Bobutaka Bateko Bob, *DR Congo-Belgique : Archives, Bibliothèque et Bibliologie*, Saarbrücken, Editions Universitaires Européennes, 2013, 301 p.

Bobutaka Bateko Bob, *Epistémologie génétique de Piaget: Fondement Théorique de la Bibliologie et du Schématisme, de l'éditologie et de la communicologie* in *Revue Bibliologie, Schéma et Schématisation : Théorie de la fin du libéralisme et la suprématie de la Chine communiste*, n* 77, Paris, L'Harmattan, 2012, pp.103-121.

Bobutaka Bateko Bob, *La France, la Belgique et les deux Congo : mémoire historique, approche archivistique et communication politique*, Paris, Edilivre, 2017, 282 p.

Bobutaka Bateko Bob, *Nouvelles pistes pour les archives et les archivistes d'Afrique* in *Africa Studia : Africa Europe Archives, Requirements?, Collaborations? Plans DR Congo, Rwanda Burundi and Belgium*, n* 138, Bruxelles, Archives Royales de Belgique, 2013, pp. 57-74.

42 Bob Bobutaka Bateko, New tracks for archives and archivists from Africa in *Africa, Studia: Africa Europe Archives, Requirements?, Collaborations? Planos RD Congo, Ruanda Burundi e Bélgica*, n* 138, Bruxelas, Arquivo Real da Bélgica, 2013, p.62.

43 Trata-se do já referido projeto de pesquisa intitulado *La formation et la recherche en archivistique*, no qual Carol Couture, aparece como pesquisador principal e professor titular. <http://mapageweb.umontreal.ca/couturec/recher.htm>

Bobutaka Bateko Bob, *Professeurs émérites Carol Couture, Eric Ketelaar et Robert Estivals : les modèles de la construction du savoir scientifique en sciences de l'information et de la communication* in Revue de Bibliologie, Schéma et Schématisation : Otlet et la bibliologie, n° 73, Paris, L'Harmattan, 2010, pp. 108-124.

Bobutaka Bateko Bob, *Synoptique épistémologique de la bibliologie: corpus terminologique, théorique et méthodologique* in Revue Bibliologie, Schéma et Schématisation: De l'Occident libéral à l'Eurasie communiste. La bibliologie coloniale, n° 78, Paris, L'Harmattan, 2013, pp. 196- 214.

Caya Marcel, *La théorie des trois âges en archivistique. En avons-nous toujours besoin?*, <http://elec.enc.sorbonne.fr/document72.html>, consulté 25 juillet 2008 à 15h34.

Conseil International des Archives, *Dictionnaire de terminologie archivistique*, Paris, CIA, 1984.

Couture Carol et Rousseau Jean Yves, *Les archives au XXe s*, Montréal, Université de Québec, 1982, 491p.

Ebeling Knut et Günzel Stephan, *Archivologie*, <http://archishs.hypotheses.org/463>, consulté le 24 juillet 2011 à 21h34.

Ketelaar Eric, *L'archivistique dans le monde actuel* in Revue Revista archivelor, Roumanie, 2007, pp.112 - 123.

Liard Marie-Françoise, *L'archivistique est-elle une science ?*, Bulletin des Bibliothécaires Français, 2003, Paris, t. 48, n° 3, <http://bbf.enssib.fr/consulter/bbf-2003-03-0099-005>, consulté le 30 avril 2011 à 11h34.

Luyingi Bobutaka Marie-France, *Application des champs de Recherche de Carol Couture aux travaux défendus en archivistique à l'Institut Supérieur de Statistique de Kinshasa*, Mémoire de licence (Bac+5) dirigé par le professeur Denis Nzokantu et encadré par l'Assistant Marie-Raphaël Wolo-wolo, Section : Sciences et Techniques Documentaires, option : Archives, Kinshasa, 2006, 116 f.

Makaya Malanda Evariste, *Analyse du concept du concept Archivologie dans les mémoires des Sciences et Techniques Documentaires à l'Institut Supérieur de Statistique de Kinshasa et à l'Université de Kinshasa : approches bibliographique et bibliométrique*, Mémoire de Licence (Bac+5), dirigé par le professeur Bob Bobutaka Bateko et encadré par le Chef de Travaux Marie-Raphaël Wolo-wolo, Section : Sciences et Techniques Documentaires, option : Archives, Kinshasa, 2016, 116 f.

Musey Nina Eloki Matthieu, *Claude Lévi-Strauss: Anthropologie et communication*, Bern, Frankfurt, New York, Publications Universitaires Européennes, 1984, 233 p.

Ngongo Musuyu Faustin, *Essai de réflexion sur l'Archivologie comme Philosophie des Archives*, Mémoire de Licence (Bac+5), dirigé par le professeur Bob Bobutaka Bateko et encadré par le Chef de Travaux Marie-Raphaël Wolo-wolo, Section : Sciences et Techniques Documentaires, option : Archives, Kinshasa, 2016, 120 f.

Université de Genève, Maison de l'histoire, *Colloque international: Archives des savoirs: prolemes et enjeux*, http://www.unige.ch/rectorat/maison-histoire/Recherche/Archives-1/Appel_a_contribution.pdf, consulté le 24 septembre 2013 à 19h00.

Université de Lausanne, *Cours 3:le métier et la formation d'archiviste*, 10 juin 2002, pp. 30-31.